

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS

A gaita de Staneck tem o corpo de titânio e faz frente aos tradicionais produtos alemães e japoneses



Divulgação

A invasão chinesa chega ao universo das gaitas

Nem só de carros elétricos vive a invasão chinesa no Brasil. O consagrado gaitista José Staneck, por exemplo, já se bandeou para a East Top, a novidade oriental que tomou de assalto o mercado brasileiro.

“Os instrumentos chineses melhoraram muito. A relação custo-benefício é excelente. Boa durabilidade, boa tocabilidade e preços muito em conta”, pontua o músico.

Tradicionalmente, os instrumentos de orgiem alemã e japonesa dominam o mercado local através de marcas como a Hohner, C. A. Seydel Söhne, Suzuki e Tombo.

O modelo de gaita adotado por Staneck tem o corpo de titânio e faz frente aos tradicionais produtos alemães e japoneses que chegam ao Brasil muito caros. É o Dragão Vermelho ocupando espaços pelo mundo...

Rumos do violão

Já estão abertas as inscrições para o I Encontro de Violonistas Compositores que será realizado de 4 a 6 de dezembro no Centro de Música Carioca Arthur da Távola (Rua Conde de Bonfim 84, Tijuca). Serão oficinas, palestras e concertos, além da apresentação das novas obras selecionadas em “Novos Rumos do Violão Brasileiro”. O prazo termina em 30 de setembro; mais informações em www.mostrafred.com.

Eu recomendo

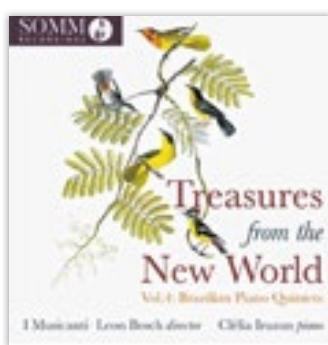
Anote na agenda: Concertos para a Juventude com a Orquestra Sinfônica Brasileira – O Pequeno Rossini. Narração de Natália Lorangeira, regência de Elber Ramos. Dia 13 de setembro, domingo, às 11 horas. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº), ingressos a R\$ 10.

Octeto na Guiomar

Outra dica valiosa: O Octeto de Cordas da Orquestra Sinfônica Jovem do RJ apresenta-se no Espaço Guiomar Novaes da Sala Cecília Meireles. No repertório, obras de Felix Mendelssohn e Ernani Aguiar. Dia 15 de setembro, terça-feira, 18h30. Ingressos a R\$ 20.

Compromisso com a música brasileira

Já está no Spotify o álbum “Brazilian Piano Quintets” com obras de João Guilherme Ripper, Arrigo Barnabé entre outros, interpretadas pela pianista carioca Clélia Iruzun e o grupo I Musicanti. Radicada há anos na Europa, Clélia mantém um compromisso firme com a música brasileira — e isso se reflete em seus álbuns e concertos.



Divulgação

A cuíca é pop!

Aos 75 anos, Índio da Cuíca lança ‘Zing Zing’, álbum que aproxima samba e experimentação com oportunas participações de Ana Frango Elétrico, Siba e Juçara Marçal

AFFONSO NUNES

A imagem de Zé Pilintra deslizando em moonwalk enquanto Michael Jackson arrisca um miudinho na Lapa serve sintetiza o universo que o ritmista Índio da Cuíca constrói em “Zing Zing”. Aos 75 anos e com mais de cinco décadas de estrada, o músico lança pelo selo carioca QTV seu segundo álbum solo, fazendo da cuíca o ponto de encontro entre ancestralidade, samba e experimentação.

Nascido no Morro do Borel e formado musicalmente no ambiente das escolas de samba cariocas, Índio não se limita ao instrumento que leva no nome. Canta, dança e improvisa, mas não larga da cuíca. A combinação o levou a palcos internacionais, em apresentações da Suíça à Tunísia, e a gravações ao lado de nomes como Alcione, Jair Rodrigues e Roberto Carlos.

Índio desenvolveu uma maneira de controlar melodicamente o instrumento, tradicionalmente associado à função rítmica, ampliando suas possibilidades sonoras. Em “Zing Zing”, essa experiência é a matéria-prima de um trabalho singular.

O disco chega cinco anos depois de “Malandro 5 Estrelas”, estreia solo lançada em 2021. A direção musical, os arranjos e os violões são de Gabriel de Aquino, filho do violonista João de Aquino, e Bernardo Oliveira, que divide a direção artística com Paulinho Bicolor. A produção combina o chamado “samba dub” com bandolim, piano, sintetizadores e percussões de caráter ritual.

O repertório nasceu, em parte, de registros de voz, berimbau e cuíca feitos pelo próprio Índio e posteriormente desenvolvidos com parceiros de diferentes gerações. O



Rafael Meliga/Divulgação



Divulgação

Ritmista, cantor e dançarino, Índio da Cuíca faz de ‘Zing Zing’, seu segundo álbum solo, uma deliciosa zona de interseção da samba com sonoridades pop

pernambucano Siba (Mestre Ambródio) participa de “Cangalha do Boi”, samba-embolada de João Martins e Raul DiCaprio. A carioca Ana Frango Elétrico aparece em “Alguém Me Chama”, parceria de Índio com Romulo Fróes. E Juçara Marçal interpreta “Gracinha”. Manu da Cuíca assina versos de “Sabença e Dendê”.

O passado familiar também atravessa o álbum. Índio recupera “Magia Africana no Brasil e Seus Misteriosos”, composição de Jorge T. Machado, o Gambazinho, seu irmão.

Toda essa mistura entre memó-

ria e invenção atinge a concepção visual do trabalho. A Lapa fornece a paisagem, enquanto referências aos fotógrafos africanos Seydou Keita e Malick Sidibé orientam a direção de arte de Rafael Meliga, responsável também pelas fotografias, e Lucas Pires, com styling de Natasha Ribas.

Entre o terreiro, o cabaré, a escola de samba e o palco internacional, Índio passou décadas fazendo da cuíca uma extensão do próprio corpo. Em “Zing Zing”, faz desse universo um convite a dança. Os DJs vão deitar e rolar nas pistas com a ginga pop de Índio e sua inseparável cuíca.